



# ROCK IN RIO INICIA EM MODO ROCK!

SEIS ANOS DEPOIS DE PROTAGONIZAR A **PERFORMANCE MAIS ARRASADORA DA EDIÇÃO 2019** DO FESTIVAL, OS **FOO FIGHTERS** ESTÃO DE VOLTA À CIDADE DO ROCK. A BANDA **LIDERADA PELO CARISMÁTICO DAVE GROHL** É A PRINCIPAL **ATRAÇÃO DESTA SEXTA (4)** NO PALCO MUNDO DO ROCK IN RIO. PÁGINAS 2 E 3



Avenged Sevenfold



Elton John



Gilberto Gil



# Quatro dias de música para todos as tribos



Jota Quest

Fernando Young/Divulgação

AFFONSO NUNES

O Rock in Rio volta a ocupar o Parque Olímpico a partir desta sexta-feira (4) e escolhe começar pelo seu território mais clássico: duas jornadas de rock, uma noite de pop e música eletrônica e um feriado de 7 de Setembro montado como encontro de gerações. Neste primeniro fim de semana (prolongado), a Cidade do Rock recebe Foo Fighters, Avenged Sevenfold, Calvin Harris e Elton John no Palco Mundo, mas a escalação do primeiro bloco ganha força justamente nos cruzamentos dos outros palcos — do Capital Inicial com Dado Villa-Lobos ao Jota Quest tocando Tim Maia, de Péricles cantando Motown a Laufey, uma das vozes do jazz-pop contemporâneo.

Na sexta, o Rock in Rio dá a largada com Foo Fighters. A banda de Dave Grohl fecha o Palco Mundo depois de Nova Twins, The Hives e Rise Against, em sua volta ao festival sete anos após sua última e avassaladora passagem na edição 2019 e quatro anos após seu maior baque. Em 25 de março de 2022, durante a turnê sul-americana, o baterista Taylor Hawkins morreu em Bogotá; o grupo cancelou todos os shows restantes daquele ano e fez, em setembro, dois concertos-tributo em Londres e Los Angeles.

A banda só retomaria a rotina de palcos em 2023, depois de lançar “But Here We Are”, disco gravado no luto e dedicado à ausência de Hawkins. Agora, em meio à turnê de 31 anos e ao lançamento de “Your Favorite Toy”, o Foo Fighters volta a uma escala de festival com canções do peso de “Everlong”, “All My Life”, “Times Like These” e “Best of You” sempre cantada a plenos pulmões por seu fiel público.

O Palco Sunset, por sua vez, oferece uma espécie de mapa do



Sepultura

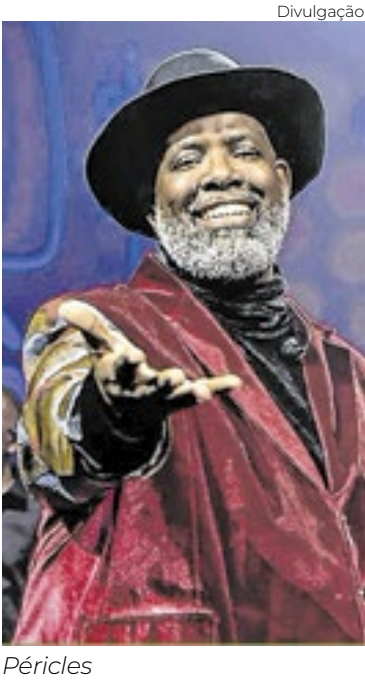
Marcos Hermes/Divulgação

rock brasileiro dos anos 1980 para cá. O Capital Inicial leva ao palco o espetáculo “Música Urbana”, que cruza os grandes sucessos da banda com faixas do EP “Movimento” (2025) e recebe Dado Villa-Lobos, guitarrista, compositor e integrante da Legião Urbana. A parceria aproxima duas trajetórias que ajudaram a moldar a linguagem do rock de Brasília. Antes, Detonautas convida Biquini e Di Ferrero abre a programação. Na mesma

noite, a música eletrônica assume o New Dance Order com Steve Angello, Gius x Carola, ATKÖ e Cat Dealers; E Paulinho Moska encabeça o Palco Global Village.

O sábado aprofunda a vertente pesada do fim de semana. Sepultura abre o Palco Mundo em sua turnê de despedida, “Celebrating Life Through Death”, criada para celebrar 40 anos de carreira e que terá o último show em São Paulo, em novembro. O grupo carrega um

| PROGRAMAÇÃO DE 4 A 7/9                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>4 DE SETEMBRO</b><br><b>PALCO MUNDO</b><br>00h05 - Foo Fighters<br>21h20 - Rise Against<br>19h00 - The Hives<br>16h40 - Nova Twins<br><br><b>PALCO SUNSET</b><br>22h45 - Capital Inicial convida Dado Villa-Lobos<br>20h10 - Hot Milk<br>17h50 - Detonautas convidam Biquini<br>15h30 - Di Ferrero<br><br><b>GLOBAL VILLAGE</b><br>19h10 - Paulinho Moska<br>16h50 - Leela<br>15h00 - Giovana Moraes | <b>FAVELA</b><br>19h10 - Rodrigo do CN<br>16h50 - Hitmaker<br>15h00 - GBZ7N<br><br><b>5 DE SETEMBRO</b><br><b>PALCO MUNDO</b><br>00h05 - Avenged Sevenfold<br>21h20 - Bring Me The Horizon<br>19h00 - MGK<br>16h40 - Sepultura<br><br><b>PALCO SUNSET</b><br>22h50 - Bad Omens<br>20h10 - Poppy<br>17h50 - Black Panthera convida Nervosa<br>15h30 - Malvada convida Day Limns | <b>GLOBAL VILLAGE</b><br>19h10 - Korzus<br>16h50 - Noturnall<br>Russell Allen<br>15h00 - Rhegia<br><br><b>FAVELA</b><br>19h10 - Major RD<br>16h50 - Canto Cego<br>15h00 - Quantum<br><br><b>6 DE SETEMBRO</b><br><b>PALCO MUNDO</b><br>00h05 - Calvin Harris<br>21h20 - Black Eyed Peas<br>19h00 - Nelly<br>16h40 - Barão Vermelho Encontro Formação Original convida Fernando Magalhães | <b>PALCO SUNSET</b><br>22h45 - Ne-Yo<br>20h10 - Jota Quest toca Tim Maia<br>17h50 - BaianaSystem<br>15h30 - Calema<br><br><b>GLOBAL VILLAGE</b><br>19h10 - Mohamed Ramadan<br>16h50 - Mãeana<br>15h00 - Bento Gil convida Flor Gil<br><br><b>FAVELA</b><br>19h10 - Xamã<br>16h50 - Rael<br>15h00 - Budah<br><br><b>7 DE SETEMBRO</b><br><b>PALCO MUNDO</b><br>00h05 - Elton John<br>21h20 - Gilberto Gil<br>19h00 - Jon Batiste<br>16h40 - Luísa Sonza | convida Roberto Menescal<br><br><b>PALCO SUNSET</b><br>22h45 - Laufey<br>20h10 - Péricles canta Motown<br>17h50 - Roupas Nova convida Guilherme Arantes<br>15h30 - Vanessa da Mata convida Rubel<br><br><b>GLOBAL VILLAGE</b><br>19h10 - João Bosco<br>16h50 - Joyce Moreno, Leila Pinheiro e Fernanda Takai<br>15h00 - Wanda Sá<br><br><b>FAVELA</b><br>19h10 - Belo<br>16h50 - Mart'nália<br>15h00 - Tíe |



Péricles



Barão Vermelho - Formação Original



Jon Batiste



Capital Inicial

catálogo em que “Arise”, “Refuse/Resist” e “Roots Bloody Roots” se tornaram referências, com crítica social como elemento central. Depois vêm MGK e Bring Me The Horizon, banda formada em 2004 que transitou do metalcore para uma mistura de rock, hardcore, pop e eletrônico, antes do fechamento do Avenged Sevenfold. A banda californiana, criada em 1999, chega com uma trajetória que inclui “Nightmare” e “Hail to the King”,

discos que lideraram a Billboard 200. O Sunset do sábado é uma programação paralela de respeito. Bad Omens fecha o palco, depois de Poppy, Black Panthera com Nervosa e Malvada com Day Limns. O encontro entre Black Panthera e Nervosa põe em diálogo duas bandas brasileiras que renovam o metal por caminhos distintos; Malvada e Day Limns abrem a tarde. No New Dance Order, a escalação reúne Ja-

mes Hype, Volkoder, Camila Jun com Eli Iwasa e Victor Lou. Em outras frentes, o Global Village recebe Korzus, Noturnall com Russell Allen e Rhegia; o Supernova coloca Supercombo, Lvcas, MC Taya e ZeROBADASS no mesmo cartaz. Este último fará seu primeiro show ao vivo e apresentará o disco na Cidade do Rock. O domingo (6) troca as guitarras pelo pop, pelo R&B e pelas pistas. Calvin Harris fecha o Palco Mundo depois de Black Eyed Peas, Nelly e Barão Vermelho — Encontro Formação Original. O DJ e produtor escocês acumulou colaborações com Rihanna, Pharrell Williams, Frank Ocean, The Weeknd e Travis Scott, e ajudou a aproximar definitivamente a eletrônica do pop de estádio. O Black Eyed Peas chega com uma trajetória que mistura hip-hop, pop, eletrônico e ritmos globais; a presença de Nelly completa uma noite voltada aos hits da virada dos anos 2000. Fora do Palco Mundo, o domingo tem alguns dos projetos mais



Laufey

definidos do primeiro bloco. Ne-Yo fecha o Sunset com o repertório que fez dele uma das vozes do R&B pop dos anos 2000 — e com o peso de ser também autor de canções como “Irreplaceable”, de Beyoncé, e “Take a Bow”, de Rihanna. Antes, o Jota Quest apresenta seu novíssimo álbum “Jota Quest Toca Tim Maia”, espetáculo de homenagem ao mestre do soul brasileiro que também celebra quase três décadas de carreira da banda mineira. Baia-

naSystem e Calema completam o palco. No New Dance Order, Sofi Tukker, Liu, Casa Bonita — Brisotti & Viot — e Meduza estendem a noite. O Espaço Favela concentra Xamã, Rael e Budah; o Supernova recebe João Gordo & Asteroides Trio em “Blitzkrieg Psycho Bop Ramones 50”, Matanza Ritual, Bay-side Kings e O Escritório. O feriado de segunda-feira (7) é o dia de maior contraste dentro do Palco Mundo. Elton John fecha a noite em sua única apresentação no Brasil e no retorno aos palcos depois da pausa anunciada em 2023. O pianista e compositor britânico é dono de uma obra potente que atravessa o pop, o rock e o musical, e promete oferecer ao público versões ao vivo das autoralíssimas “Your Song”, “Rocket Man”, “Tiny Dancer” e “Can You Feel the Love Tonight”, entre outros hits globais. Antes de Sir Elton John, a noite propõe uma ponte de repertórios. Jon Batiste, vencedor do Oscar de melhor trilha sonora e do Grammy de álbum do ano, leva ao Palco Mundo um trabalho que cruza jazz, R&B, pop e gospel e tem o improviso como parte decisiva da apresentação. Gilberto Gil, com discografia de mais de 60 álbuns, chega com uma obra que atravessa MPB, samba, reggae, forró, rock, axé e ritmos africanos. “Palco”, “Drão” e “Toda Menina Baiana” são algumas das canções que o mestre vai levar à Cidade do Rock. Luísa Sonza abre a programação e convida Roberto Menescal, uma aproximação explícita entre o pop de sua geração e um dos nomes fundamentais da bossa nova. No Sunset, a segunda-feira também foge da fórmula. Laufey, cantora, compositora, produtora e multi-instrumentista islandesa-chinesa, fecha o palco com um som que liga jazz, pop e música clássica; ela se tornou a artista mais jovem a vencer duas vezes o Grammy de melhor álbum vocal pop tradicional. E talvez uma das grandes surpresas sessa primeira metade de festival seja o show “Péricles Canta Motown”, um emocionado tributo do maior vozeirão do nosso pagode à gravadora que revelou artistas como Stevie Wonder, Marvin Gaye e The Jackson 5. Mas não acabou... Anote aí: Roupas Nova recebe Guilherme Arantes e Vanessa da Mata chama Rubel. Na madrugada, Fatboy Slim assume o New Dance Order; Belo, Mart'nália e Tíe ocupam o Espaço Favela; João Bosco, Joyce Moreno, Leila Pinheiro, Fernanda Takai e Wanda Sá estão no Global Village. A Cidade do Rock abre às 14h, encerra às 3h e permite último acesso até meia-noite. Os ingressos diários dão livre circulação entre os palcos: R\$ 870 a inteira e R\$ 435 a meia-entrada no gramado. Confira, abaixo, a programação de sexta a segunda por palcos e seus horários aproximados.

# Os embaixadores do reggae fusion

Banda jamaicana Third World se apresenta nesta sexta no Circo Voador com seu repertório clássico

**T**em reggae clássico nesta sexta-feira (4) no Circo Voador. A jamaicana Third World se apresenta pela primeira vez no Brasil desde a morte de Stephen Cat Coore, em janeiro. Guitarrista, violoncelista e fundador do grupo, Coore foi a peça central de uma sonoridade que levou o reggae jamaicano a dialogar com soul, funk, jazz, rock e música erudita. Aos 53 anos de estrada, a Third World chega à Lapa para abrir o Festival Clássicos do Reggae, que em breve trará o Groundation.

O núcleo da banda que está



Third World chega aos 53 anos de estrada fundindo o reggae a outras sonoridades da black music

em atividade tem Richard Daley, baixista ligado à banda desde a fundação, em 1973; Tony Rution Williams, na bateria e no djembe; os tecladistas e vocalistas Norris Noriega Webb e Maurice Gregory; AJ Brown, nos vocais principais; Richie Barr, no baixo; e Richard Wiggz Walters, na gui-

tarra. É Walters quem assume, no palco, a tarefa mais simbólica do conjunto: honrar a marca instrumental deixada por Cat Coore, cujo violoncelo e guitarra foram decisivos para que a Third World jamais soasse como uma banda de reggae convencional.

A história começa em Kingston,

quando Coore e o tecladista Michael Ibo Cooper criaram o grupo ao lado de Richard Daley. A formação se completou, em sua primeira fase, com Milton Prilly Hamilton nos vocais, Carl Barovier na bateria e Irvin Carrot Jarrett na percussão. A entrada posterior de Bunny Rugs como voz principal ajudou a conso-

lidar a identidade da banda, mas a ideia original já estava ali: fazer música jamaicana sem se fechar em uma só linguagem.

O repertório explica por que a Third World se tornou uma das principais pontes entre o reggae roots e o mercado internacional. “Now That We’ve Found Love”, releitura de canção dos O’Jays, virou seu maior êxito pop e levou a banda às paradas britânicas e americanas. “1865”, conhecida também como “96° in the Shade”, é um de seus hinos mais densos, com a memória da escravidão jamaicana atravessando o balanço do reggae. “Try Jah Love”, escrita e produzida por Stevie Wonder, dá outra medida da projeção conquistada pelo grupo no fim dos anos 1970.

A lista de canções fundamentais ainda inclui “Reggae Ambassador”, “Sense of Purpose”, “Forbidden Love”, “Jah Glory”, “Irie Ites” e “Cool Meditation” - um repertório que explica como a Third World trabalhou refrões pop, linhas de baixo dançantes, harmonias vocais e arranjos complexos sem abandonar a pulsação jamaicana. Foram mais de 20 álbuns de estúdio e nove indicações ao Grammy em uma trajetória que fez da banda uma referência de reggae fusion.

## SERVIÇO

### THIRD WORLD

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa)  
4/9, às 22h  
Ingressos: R\$ 240 e R\$ 120 (meia)



O Samba de Caboclo evoca as raízes mais profundas da ancestralidade



Samba da Volta celebra a tradição das rodas de partido alto

# As rodas se encontram na Lapa

O Circo Voador recebe neste sábado (5) duas maneiras de manter o samba em movimento. De um lado, o Samba da Volta, roda criada nas ruas cariocas em 2021 e hoje reconhecida por uma relação direta entre músicos e público. De outro, o Samba de Caboclo, mani-

festação que une samba de raiz e cantos de terreiro, com a ancestralidade afro-brasileira atravessando percussão, canto e dança. Entre as apresentações, o DJ Léo Black conduz a pista com seleção de música preta.

O encontro importa porque

Samba da Volta e Samba de Caboclo se apresentam neste sábado no Circo Voador

aproxima repertórios e experiências que não se confundem. O Samba da Volta nasceu de reuniões entre amigos e cresceu sem abandonar a lógica da roda: proximidade, improviso, convivência e circulação de repertório. Ao longo de cinco anos, o projeto passou a

ocupar diferentes espaços da cidade e formou um público fiel.

A referência do grupo está em formações como o Fundo de Quintal, mas o projeto não se reduz ao tributo. O repertório combina canções conhecidas, composições autorais e obras de autores menos presentes no circuito comercial. A escolha dá à roda um caráter de celebração e descoberta: há memória do samba brasileiro, mas há também o desejo de manter a conversa com o presente.

Já o Samba de Caboclo chega com uma dimensão própria. A proposta parte do diálogo entre o samba de raiz e os cantos de terreiro para celebrar os cabo-

clos e a herança afro-brasileira. É outro campo de referências, no qual música, corpo, espiritualidade e tradição se encontram. A percussão, o canto e a dança funcionam como linguagem coletiva e aproximam o palco de práticas culturais que se constroem na comunidade e na transmissão entre gerações. (A; N.)

## SERVIÇO

### SAMBA DA VOLTA + SAMBA DE CABOCLO

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº - Lapa)  
5/9, a partir das 20h (abertura dos portões)  
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)



Entre as canções selecionadas, Cris Delanno vai apresentar uma parceria sua com o genial João Donato chamada 'Nosso Quintal'

# Donatizar é sempre o melhor remédio

Cris Delanno celebra a obra singular de João Donato em apresentação neste sábado na Acaso Cultural

AFFONSO NUNES

**E**la transita com naturalidade entre a bossa nova, o jazz e a canção popular e por isso é uma das nossas mais versáteis cantoras. É com essas credenciais que a cantora, compositora e instru-

mentista Cris Delanno apresenta o espetáculo “Donateando” neste sapabdo (5), na Acaso Cultural, em Botafogo. O show revisita a obra do pianista e compositor João Donato (1943-2023) a partir da bossa nova e do samba-jazz, suas linguagens musicais mais recorrentes. “A proposta é percorrer as diferentes

fases de Donato e deixar que a interpretação acontecer”, explica Cris, que notabiliza por seus balanços, pausas e deslocamentos harmônicos. Formada em Música Popular Brasileira pela Unirio, Cris Delanno soma 15 álbuns lançados e uma carreira que levou sua voz a diferentes países. A bossa nova é um dos

eixos de sua trajetória. Sua relação de Cris Delanno com o repertório donatiano vai além da admiração. Os dois construíram uma parceria musical, e o espetáculo inclui uma composição surgida desse convívio criativo. Trata-se de “Nosso Quintal”, de 2013, escrita por eles e pelo músico e produtor Alex Moreira (com quem Cris foi casada até sua morte, também em 2023). No repertório, “Bananeira” aparece como síntese dessa inventividade. A canção traz o suingue e o jogo rítmico que fizeram de Donato um compositor decisivo para a música brasileira. “Simples Carinho”, por sua vez, permite outra temperatura: a delicadeza da melodia e a voz de Cris abrem espaço para uma interpretação mais íntima. São duas portas de entrada para um cancionário amplo e riso farto, como o próprio Donato que tanta falta nos faz. Acreano de Rio Branco, João Donato foi um dos pilares na transição para a Bossa Nova, influenciando diretamente a batida de João Gilberto com sua síncope peculiar. Sua marca registrada ficou gravada na fusão genial entre o jazz norte-americano, os ritmos afro-cubanos e o samba.

**SERVIÇO**  
**CRIS DELANNO - DONATEANDO**  
Acaso Cultural (Rua Vicente de Sousa, 16, Botafogo)  
5/9, às 20h  
Ingressos a partir de R\$ 55

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

### 50 anos de dedicação ao cavaquinho

O cavaquinho ocupa o centro do palco da Audio Rebel nesta sexta (4), às 20h, no Audio Rebel. Henrique Cazes celebra 50 anos de dedicação ao instrumento. Ao lado do violonista de sete cordas Raphael dos Santos, Cazes percorre obras autorais, peças da coleção Música Nova para Cavaquinho e homenagens a Waldir Azevedo e Paulinho da Viola.



### Os reis da paródia estão de volta ao Rival

Reis da paródia musical nas redes sociais, Edu Krieger e Natalia Voss voltam ao Teatro Rival Petrobras no neste sábado (5), às 19h30, com o espetáculo “Versos e versões: a vida em paródias”, que faz do repertório da MPB, do pagode e do pop brasileiro matéria para humor de observação. A cada apresentação, as letras são atualizadas para responder aos assuntos que ocupam conversas, telas e manchetes.



### Forró da Gávea mostra canções de seu 1º disco

Pedro Miranda e o Forró da Gávea voltam ao Manouche nesta sexta (4) com o repertório do álbum “Amor Verdadeiro”, primeiro trabalho fonográfico do coletivo que se reúne para tocar junto desde 2018. O disco é uma declaração de amor ao forró e a seus mestres. O repertório atravessa baião, xote, coco, xaxado, rojão e arrasta-pé, com canções de Luiz Gonzaga, Dominginhos, Sivuca, Chico Buarque e Caetano Veloso.



### Improvisações com Pedro Quental

A nova edição de Tudo é Som!, projeto do Manouche inspirado na ideia de Hermeto Pascoal de que toda matéria pode virar música, recebe neste sábado (5), às 21h, Pedro Quental e o Disabbato Jazz Quarteto. O encontro junta o universo instrumental do quarteto à voz de Quental, um dos nomes à frente do Monobloco, e abre espaço para improvisos entre jazz, soul e música brasileira.



# CRÍTICA TEATRO | AS MARIAS DE BELÉM DO PARÁ

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Em 'As Marias de Belém do Pará', p diretor Eduardo Barata pratica um exercício de memória com imagens poéticas

## Resgate afetivo

Ao rememorar sua ancestralidade, Eduardo Barata idealiza uma festa paraense evocada no palco. Escreve, com parceria de Elaine Moreira e

pesquisa de Claudia Chaves, um texto deleitoso revelando-se uma ode ao teatro, às mulheres e aos nortistas, nos quais a dramaturgia aglutina espinhas dorsais complementando-se.

A narrativa é situada no condo-

mínio Galharufa, em Copacabana, potencializando fatos históricos da trajetória profissional de oito artistas renomadas encontrando-se pela primeira em vez em cena, contribuindo para a sustentação de um resgate afetivo.

O diretor Eduardo Barata utiliza a memória como veículo poético em imagens impactantes. Decola seu espetáculo ao distribuir atores pelo público na procissão do Círio de Nazaré. A saudação da Ave Maria que apresenta as atrizes é tocante. Disponibiliza suas protagonistas para contarem suas histórias emocionantes, amalgamando suas experiências artísticas ao discutirem a

problemática condominial, numa referência clara ao ritual de passagem que um ator iniciante é apadrinhado por outro experiente. Movimenta com expertise seu elenco coadjuvante, que apoia a encenação.

Bete Mendes cita Camila Amado, Yara Amaral, Chica Xavier, Isabel Ribeiro, Vanda Lacerda, Aracy Balabanian, Françoise Forton, Glória Menezes e Laura Cardoso, com fotos irrompendo o prosaetno. Emocionada, lembra a galharufa que ganhou de Eva Wilma numa sala de ensaio conduzida pelo mestre Antunes Filho. Ítala Nandi relembra o Teatro Oficina e o primeiro nu no teatro brasileiro em plena

ditadura. Ivone Hoffman recorda que a dança a levou para o teatro e que Rubens Corrêa a socorreu para que ficasse no Rio. Maria Pompeu declama Vinícius de Moraes e comanda a oração do teatro, num momento pleno onde todos dão as mãos. Mariah da Penha rememora sua estada no grupo de Amir Haddad e a indicação ao Leão de Ouro concedida à Ruth de Souza. Veluma lembra o brilho de Tônia Carrero e Maria Della Costa, revelando ser a primeira manequim negra que desfilou sem alisar as madeixas. Hildegard Angel conta que trabalhou com Zé Celso em peça que virou a madrugada, e de sua trajetória como atriz ao lado de José Wilker e Tereza Rachel. Todas amparadas por Duda Barata, Cesar Werneck, Amanda Livia, Madu Emmerick, Juliane Andrade, Jhessy S, Miguel Petereit, Morgana Bernabucci e Giuliano Laffayette, além de Bárbara Vento, Camila Gonzalez, Maria Luiza Tonacio e Rohl. Joana Fomm não estava na sessão assistida.

A cenografia de Rostand Albuquerque remete à palha e aos barcos de miriti, originários do Pará. O figurino de Rute Alves valoriza as cores paraenses, com destaque para o vestido de Duda Barata ao cantar lindamente. Elisa Tandeta privilegia o azul para reminiscências. A direção musical de Marco André é embalada pelo carimbó, lambada, homenageando Fáfá de Belém, Joelma, entre outras.

Barata institui o afeto e faz com que o Pará, os artistas e o teatro não caiam em obsolescência.

## NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Ira Barillo/Divulgação

### Celebração e reinvenção

Em cartaz até o dia 13 no CCBB RJ, "Tudo Preto: uma re\_vista" propõe fortalecer epistemologias negras, questionar hegemonias históricas — como a centralidade atribuída à Semana de Arte Moderna de 1922 e à branquitude intelectual na formulação da identidade nacional — e reafirmar a Companhia Negra de Revistas como patrimônio cultural e político do Brasil. Em cena, o elenco de atores-cantores dialoga com o texto original e com seus artistas precursores, em um ato de celebração, memória e reinvenção.



Lucas Freitas/Divulgação

### Coragem para transformar

Em cartaz até o dia 8 no Teatro Raul Cortez, em Duque de Caxias, o espetáculo "Guerreiras!" celebra trajetórias femininas negras em concerto cênico, com canto lírico, teatro e piano. A montagem reúne obras da música de concerto, da canção brasileira e da música internacional, combinando canto teatro, projeções visuais e narrativa cênica para celebrar trajetórias femininas marcadas pela coragem e pela transformação social. O repertório dialoga com histórias de mulheres que desafiaram seu tempo.



Divulgação

### A utopia de Ritinha

Espectáculo do premiado projeto Grandes Músicos para Pequenos, "Ritinha Rock and Roll - Rita Lee para Crianças" encerra temporada na EcoVila Ri Happy neste domingo (6). Com texto de Pedro Henrique Lopes, direção de Diego Moraes, direção musical de Guilherme Borges e coreografias de Natácha Travassos, o espetáculo mostra que ninguém é pequeno demais para ter sonhos grandes. A trama acompanha a história de uma menina cheia de imaginação que sonha em mudar o mundo com muito rock'n roll.

## QUANDO A PALAVRA SE ARRISCA, ELA GANHA OUTRAS FORMAS.

Literatura, música, teatro, dança, artes visuais e audiovisual se encontram na 11ª edição do Palavra Líquida.

Com o conceito Risco, o projeto coloca palavras, artistas, ideias e olhares em movimento para criar novos encontros e sentidos.

Inspirado nas poéticas de Miriam Alves e Éle Semog, o projeto promove encontros entre diferentes linguagens artísticas e modos de criação, tendo a literatura negra como ponto de partida.

**Começa hoje.**

**04 a 13  
SETEMBRO  
Sesc Tijuca**

Programação gratuita.

PA  
LA  
VRA LÍ  
QUÍ  
DA



Mergulhe:  
[sescio.org.br/palavraliquida](https://sescio.org.br/palavraliquida)



# SEXTOU! UM RIO DE

CONFIRA ATRAÇÕES CULTURAIS EM TODAS AS REGIÕES DA CIDADE

## SHOW

### NEGUINHO DA BEIJA-FLOR

✳Depois de 50 anos como intérprete oficial da azul e branco de Nilópolis, o artista vive um momento dedicado 100% à carreira solo. Sex (4), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Albim, 33 - Cinelândia). Entre R\$ 50 e R\$ 170

### BAILE DO MESTRE CUPIJÓ

✳O projeto sobre o músico paraense promove oficina de percussão e dança amazônica, exibição de “Terruá Pará”, de Jorane Castro, e show no Teatro Nelson Rodrigues, seguido de conversa sobre seu legado. Sex (4), oficina às 14h, filme às 16h e show às 19h. Caixa Cultural (Av. República do Paraguai, 230, Centro). Show entre R\$ 10 a R\$ 30. Oficina e cinema gratuitos.

### RICARDO SILVEIRA

✳O guitarrista toca com Cliff Korman, Rômulo Gomes e Teo Lima em formação de piano, baixo e bateria. Sex (4), às 20h. Cave Music Lounge (Quiosque 10, subsolo do Deseo, Av. Atlântica, Leme). R\$ 77

### FABIO MONTOMOLI

✳O violonista italiano apresenta recital que vai de Frescobaldi a Rossini, Paganini e Castelnuovo-Tedesco, com duas composições próprias. Sex (4), às 19h. CCJF (Av. Rio Branco, 241, Centro). Grátis

### MARVIO CIRIBELLI

✳O pianista homenageia Sergio Mendes acompanhado pelos instrumentistas Luis Lima Japão, Luisinho Sobral e Cadu Pontes. Sex (4), às 21h. Bottle’s Bar (Beco das Garrafas, Rua Duvidier, 37, Copacabana). R\$ 70

### TAMARA SALLES

✳A cantora apresenta “Elas Cantam Soul”, show acústico com repertório de Aretha Franklin, Nina Simone e Donna Summer. Sex (4), às 19h. Espaço Cenáculo (Rua Almirante Tamandaré, 66, Flamengo). R\$ 55 e R\$ 28,99

### CORDAS ESPANHOLAS

✳Os violonistas Paulo Pedrasoli, Mário da Silva, Augusto Cornelius, Richard Martin e Nicolas de Souza Barros tocam obras dos mestres do violão flamenco Albéniz, Manuel de Falla, Tárrega e Rodrigo. Sáb. (5), às 17h. Espaço Cenáculo (Rua Almirante Tamandaré, 66, Flamengo). A partir de R\$ 20



Neguinho



Olga

### SONIA SANTOS

✳A cantora celebra 60 anos de carreira. No repertório estão músicas compostas especialmente para Sonia por Tim Maia, Jorge Ben Jor e Luiz Melodia, além de clássicos do samba. Sex. (4), às 19h. Centro da Música Carioca (Rua Conde de Bonfim, 824). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

### NOSSO AMOR AOS DOCES BÁRBAROS

✳O quarteto Os Esotéricos revisita o legado de Caetano, Gal, Gil e Bethânia, cinco décadas depois da turnê dos Doces Bárbaros. Dom (7), às 19h. SESI Firjan (Av. Graça Aranha, 1, Centro). A partir de R\$ 20

## TEATRO

### OLGA

✳A Companhia Ensaio Aberto retoma a trajetória de Olga Benário Prestes, com texto e direção de Luiz Fernando Lobo. De sex. a seg., às 20h, até 28/9. Armazém da Utopia (Av. Rodrigues Alves, 299, Gamboa). R\$ 60 e R\$ 30

### GAIVOTA

✳O Armazém Companhia de Teatro apresenta sua leitura de Anton Tchekhov. Até 13/9; qua. a sex., às 19h; sáb. e dom., às 18h. Teatro II do CCB (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). R\$ 30 e R\$ 15

### WICKED, A HISTÓRIA NÃO CONTADA DAS BRUXAS DE OZ

✳Musical acompanha a vida das bruxas de Oz antes da chegada de Dorothy. Até dom. (6); qua. a sex., às 20h; sáb., às 15h e 19h30; dom., às 14h e 18h30. Cidade das Artes Bibi Ferreira (Av. das Américas, 5300, Barra). Entre R\$ 25 e R\$ 400

### MANDE NOTÍCIAS DO MUNDO DE LÁ

✳Arlete Salles vive uma mulher que descobre que o luto também pode ser hilário. Até 4/10; sex. e sáb., às 20h; dom., às 19h. Teatro dos 4 (Rua Marquês de São Vicente, 52, 2º piso, Gávea). Entre R\$ 73 e R\$ 147

### HELENA BLAVATSKY, A VOZ DO SILÊNCIO

✳Beth Zalcman interpreta a pensadora russa em monólogo de Lúcia Helena Galvão, com direção de Luiz Antonio Rocha. Sex. (4), às 19h. Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes, Centro). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

### OS CICLOMÁTICOS

✳A ocupação de 30 anos da companhia chega ao fim depois de reunir espetáculos, oficinas, debates e mostra de cenas curtas. Até sex. (4). Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco, 179, Centro). Espetáculos: R\$ 20 e R\$ 10; atividades formativas gratuitas, mediante inscrição

Divulgação

Renam Brandão/Divulgação

Nando Chagas/Divulgação

Ricardo Silveira

# OPÇÕES DE LAZER

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR



Ânima



Luzia Homem



Lecuona

## DOCE ÁRIDO

❖ Pri Helena, Rebeca Figueiredo e Layla Paganini vivem três gerações de mulheres numa roça mineira, sob a pressão de uma encomenda de doce de leite. De qui. a sáb., às 20h; dom., às 19h, até 26/9. Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

## ALGUMA COISA FALTA AQUI

❖ Dois amigos e uma linha do tempo fragmentada de encontros, separações e memórias. Até 25/10; qui a sáb (20h); dom (19h). Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104, Botafogo). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

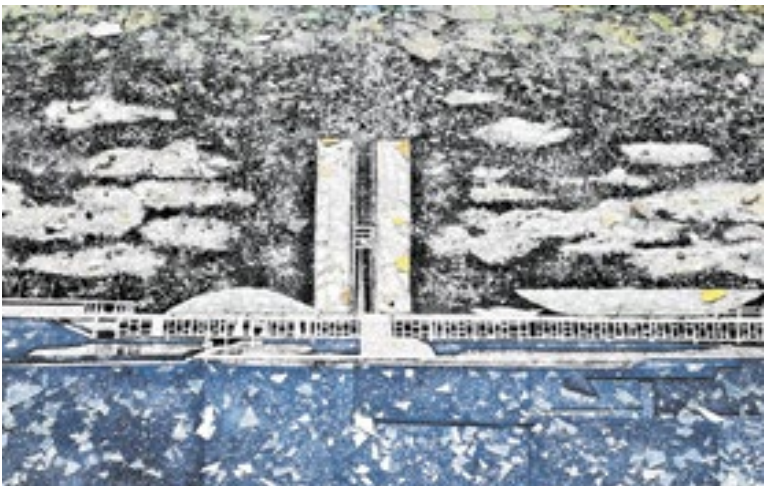
## ÂNIMA

❖ Beth Zalcmán interpreta monólogo de Lúcia Helena Galvão, com direção de Luiz Antonio Rocha. Sáb e dom (5 e 6), às 17h. Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes, Centro). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

## INFANTIL

### PEQUENAS MÃOS

❖ Atividade lúdica voltada para crianças de 3 a 7 anos propõe uma série de brincadeiras com luz e sombra a partir da poesia de Daniela Chindler. Sáb e fer (13h). CCBb Educativo (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis



Vík Muniz - A Olho Nu

## O QUE A LUZ MOSTRA

❖ Laboratório de cianotipia inspirado na exposição “Vík Muniz – A Olho Nu” em cartaz no CCBb RJ convida o público a experimentar a técnica fotográfica. Sáb, dom e fer (14h). CCBb Educativo (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

## O QUE TEM DENTRO DA PAINELA?

❖ Contação inspirada em Leide Laurentina da Silva, a Irmã, cozinheira do Aterro de Jardim Gramacho e personagem de “Lixo Extraordinário”. Sáb, dom e fer (14h). CCBb Educativo (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

## LIVRO VIVO

❖ Atividade em grupo de mediação de leitura inspirada nas exposições e nas ações de patrimônio do CCBb. Sáb, dom e fer (16h). CCBb Educativo (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

## DANÇA

### GRUPO CORPO

❖ A companhia mineira apresenta “Piracema” (2025) e retoma “Lecuona”, ausente dos palcos há dez anos. Até 6/9, qua a sáb (20h), dom (17h). Teatro Municipal (Praça Floriano, Centro). De R\$ 25 a R\$ 300

## EXPOSIÇÃO

### NHE'E SE – DESEJO DE FALA

❖ Artistas indígenas contemporâneos discutem território, memória e tecnologia. Até 11/10, qua a dom (11h às 20h). Petróbras Futuros (Rua Dois de Dezembro, 63, Flamengo). Grátis

### ZONA DE SACRIFÍCIO

❖ Fotografias expõem os rastros da mineração de lítio no Vale do Jequitinhonha e suas consequências. Até 1/11, ter a sex (10h às 18h), sáb, dom e fer (11h às 17h). Galeria Mestre Vitalino (Rua do Catete, 179). Grátis

## OCUPAÇÃO GRANDE OTHELO

❖ Mostra reúne acervo com figurinos, imagens e objetos ligado ao ator, um pioneiro que abriu caminhos para gerações de artistas negros no cinema, teatro e televisão. Até 30/9, seg a sex (10h às 16h). CEDOC Funarte (Praça da República, 26, Centro). Grátis

## OS DOIS LADOS DA JANELA

❖ Integrante da chamada Geração 80, o artista plástico carioca Daniel Senise revela processos e trabalhos de ateliê em individual que percorre suas experiências de técnica e matéria, aquelas que antecedem a execução de suas obras. Até 6/9, sex a dom (12h às 18h). Paço Imperial (Praça Quinze, 48, Centro). Grátis

## VIK MUNIZ – A OLHO NU

❖ A retrospectiva apresenta a trajetória do artista paulista radicado nos Estados Unidos, que se tornou mundialmente conhecido por criar imagens impressionantes construídas a partir de materiais descartáveis como açúcar, lixo, chocolate e confetes. Até 7/9, qua a seg (9h às 20h). CCBb RJ (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Grátis

## INVENTÁRIO. OS OBJETOS OLHAM PARA NÓS

❖ A fotógrafa espanhola Beatriz Ruibal investiga memória e Guerra Civil Espanhola a partir de objetos e arquivos. Até 28/10, seg a sáb (10h às 19h). Instituto Cervantes (Rua Visconde de Ouro Preto, 62, Botafogo). Grátis

## EVENTOS

### PALAVRA LÍQUIDA

❖ A 11ª edição do encontro de literatura homenageia as autoras Miriam Alves e Éle Semog, com literatura, música, cinema, dança e artes visuais. Até 13/9. Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539). Gratuito

## CINEMA

### LUZIA HOMEM

❖ Exibição do curta animado “Até a China” (2015), de Marão, e o western nacional “Luzia Homem” (1988), de Fábio Barreto, no cineclube mensal em homenagem à produtora LC Barreto. Após as projeções, haverá um bate-papo com o crítico Rodrigo Fonseca, o especialista de cinema do Correio da Manhã. Sáb (5), às 15h. Casa Firjan (Rua R. Guilhermina Guinle, 211 - Botafogo). Grátis

## ENTREVISTA | SUSANA GARCIA

CINEASTA

## ‘Comédia é como matemática: é precisa’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

A té o feriado de 7 de setembro, segunda agora, dado o frenesi com que o circuito exibidor está tratando “Minha Melhor Amiga”, é possível que sua diretora, Susana Garcia, tenha andado já algumas casas a mais no tabuleiro das maiores bilheterias brasileiras, de todos os tempos, com um novo recorde no currículo. O longa-metragem nacional mais visto no país, da década de 1970 para cá (quando as bilheterias passaram a ser apuradas oficialmente), é dirigido por ela: “Minha Mãe É Uma Peça 3” (2019). Soma 11.608.254 ingressos vendidos. Dois outros filmes da cineasta celebrizaram-se como blockbusters: “Minha Vida em Marte” (2018) vendeu 5.337.119 tíquetes e “Minha Irmã e Eu” (2023) atraiu 2.282.597 pagantes.

A julgar pela ânsia do público por seu novo trabalho na realização, recém-chegado às telonas, um novo fenômeno pode estar entre nós. Há um circuito imenso a serviço da comédia centrada na jornada da jornalista Julia (Mônica Martelli) e da corretora Clara (Ingrid Guimarães), do Rio de Janeiro à Península Ibérica, à caça de suas filhas (Giulia Benite e Gabi Amaral), que foram estudar no exterior. O longa-metragem foi lançado em 1531 salas de 773 cinemas, em 436 cidades do país. Pode ser o sucesso que nosso audiovisual sonhava ter, neste ano no qual a nossa maior receita, “Velhos Bandidos”, parou em 420 mil espectadores. Susana explica aqui a sua forma de filmar.

**Que olhar o seu cinema busca construir a partir da condição feminina, trabalhando (de modo autoral) o tema do companheirismo?**

**Susana Garcia** - Meu cinema parte muito das relações humanas e, naturalmente, do meu olhar como mulher. Interessa-me falar de mulheres reais, com contradições, fragilidades, força, humor, desejo, medo, em diferentes momentos da vida. Gosto muito de ver as pessoas se identificando, se reconhecendo nas personagens e se inspirando nelas. E o companheirismo aparece nos meus filmes porque eu acredito profundamente que a gente também se transforma através do outro. Seja numa amizade, num casamento, numa relação entre irmãs, entre mãe e filha/o. Uma amizade... um amor que te incentiva a ser a sua melhor versão e te impulsiona e te fortalece... isso é inspirador na dramaturgia. Em “Minha Melhor Amiga”, isso está muito presente. São duas mulheres maduras, com suas histórias, suas questões, seus medos que saem juntas numa viagem e conseguem ressignificar as suas vidas e descobrir que nunca é tarde pra recomeçar, mudar de direção. Eu faço comédias. Quero que as pessoas riem. Mas gosto que esse riso venha acompanhado de identificação e emoção.

**A afetuosidade é a sua rota?**

No fundo, estou sempre falando de afeto. E acredito que o companheirismo é uma das formas mais bonitas de afeto. Uma vez, eu e Paulo Gustavo estávamos na casa dele criando uma cena do “Minha Mãe É Uma Peça 3”. Ele falou: “Eu vou fazer esse Brasil rir muito, mas no fundo, o importante pra mim, é levar uma mensagem de amor”.

**Você virou uma das cineastas de maior público das Américas. Qual é a identidade visual que você busca imprimir nesse cinema tão pop?**

Nos meus filmes, a estética não é uma moldura da história. Ela faz parte da história. Está a serviço da história. Gosto de um cinema pop, bonito, sofisticado, mas que nunca seja estética pela estética. A imagem tem que acompanhar emocionalmente os personagens e ajudar a contar a história. Penso muito em cor, luz, figurino, arquitetura, locação, enquadramento. Gosto de construir um universo visual que seja atraente ao público, mas que esteja sempre em função da cena, que seja sempre o que for melhor para a história. Jamais faço um movimento de câmera porque eu acho interessante e isso vai acabar sendo mais importante do que a história que está sendo contada. Comédia é como matemática: é precisa. Se eu priorizar outras coisas na cena, como movimentos errados dos



J Matarun/Divulgação

“Nos meus filmes, a estética não é uma moldura da história. Ela faz parte da história. Está a serviço da história. Gosto de um cinema pop, bonito, sofisticado, mas que nunca seja estética pela estética”

personagens ou posicionamento e movimentos de câmera que não vão ao encontro da comédia, eu estaria prejudicando a cena de humor. O cinema que eu busco fazer é popular e acessível, mas existe muito

rigor por trás dessa aparente leveza. Eu quero que o público entre pela comédia, pelo prazer e pela beleza, mas que, sem perceber, seja levado a um lugar de emoção, identificação e inspiração.

**Teu filme é visto como A esperança do ano para fazer as nossas bilheterias galgarem novo posto. De que maneira você avalia o cenário do mercado em que lança as tuas amigas, comparado com o que se via em tempos anteriores, em seus filmes anteriores?**

Hoje o público está mais disputado e é preciso criar relevância com o filme para as pessoas serem convencidas a saírem de casa. Os dados mostram isso: em 2025, o Brasil teve 112 milhões de espectadores, enquanto o cinema brasileiro ficou com 10% desse público; em 2026, a própria ANCINE aponta uma participação nacional ainda menor, de 6,5%. Eu espero que “Minha Melhor Amiga” possa fazer parte de um movimento de reconexão do público com o cinema brasileiro, com a comédia brasileira. Quando lancei “Minha Vida em Marte”, “Minha Mãe é uma Peça 3” e, mais recentemente, “Minha Irmã e Eu”, a relação do público com a sala de cinema era diferente. Hoje nós disputamos a atenção das pessoas com muitas outras formas de entretenimento. Então não basta mais fazer um filme e colocá-lo em cartaz. Você precisa criar no espectador o desejo de sair de casa, de encontrar outras pessoas, de viver aquela experiência coletivamente. Eu acredito muito na força da comédia que emociona para fazer isso. A comédia brasileira tem uma capacidade enorme de criar identificação. Quando o público se reconhece na tela, quando ri e se emociona de alguma coisa que poderia ter acontecido na sua família, na sua amizade, na sua vida, ele cria uma conexão muito poderosa.

**Qual foi o filme que te fez amar o cinema? Qual foi o filme que te fez querer fazer cinema? A que filme você volta sempre que precisa reafirmar seu amor pelo audiovisual?**

Tem vários clássicos que fizeram parte da minha formação e é até difícil escolher um só. Os filmes do Charlie Chaplin foram marcantes. Depois vieram os filmes do Woody Allen, que me fizeram amar um outro tipo de cinema, baseado em personagem, relacionamento, contradição humana - que é o tipo de cinema que gosto de fazer. “Cinema Paradiso”. Toda vez que o assisto, eu me emociono. Ele confirma como eu gosto de filmes que me emocionam e me tocam. Você pode ter uma grande produção, uma técnica extraordinária, mas, no fim, o que fica é o que a história fez você sentir. É esse o cinema de que eu gosto de assistir e é esse cinema que eu tento fazer: um cinema que chega ao público.



Gael García Bernal, do México, à direita, dirige e estrea 'Hombre Al Agua'



Victor Di Marco em 'London'

# Rugidos entre 'hermanos'

Longas latino-americanas como o brasileiro 'London' expõem as veias abertas de 'nuestro' continente nas telas do Lido, antes de 'Retorno a Buenos Aires' brigar pelo Leão de Ouro

**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

**R**odado parcialmente em Porto Alegre, em coprodução com o Brasil, sob a direção do chileno de descendência italiana Marco Bechis, "Retorno a Buenos Aires" foi agendado pelo Festival de Veneza para a véspera do encerramento das atividades do evento, no próximo dia 12. Terá uma série de exhibições nas diferentes salas que integram o complexo de auditórios e cines chamado La Biennale di Venezia no dia 11, em concurso pelo Leão de Ouro, sob o olhar atento de um júri que é presidido pela atriz e diretora Maggie Gyllenhaal.

Até lá, a maratona do Lido - aberta na quarta-feira com homenagem a George Clooney e a projeção de "Ink", de Danny Boyle - viverá um fim de semana onde o sangue latino é retinto de inquietações políticas. Não por acaso, um dos competidores mais visados desta edição (de número 83) se passa no Chile de 1973, o ano do golpe que derrubou o sonho de Salvador Allende: "Cavalo Selvagem Nove" ("Wild Horse Nine"). Seu realizador, o dramaturgo e cineasta Martin McDonagh (de "Três Anúncios Para Um Crime"), não é hermano, e, sim, um inglês nascido em Londres, mas seu protagonista, John Malkovich (numa interpretação forjada para lhe valer um Oscar), vive uma fase de investigação das cicatrizes governamentais do Chile. Nosso vizinho de continente é tema de peças recentes que o ator tem feito pelo mundo, inclusive



Olivia Nuss vive Muñeca em 'Retorno a Buenos Aires': América Latina na briga pelo Leão de Ouro

no Theatro Municipal.

Entre a prata da casa (feita na casa), no sábado, Veneza confere o longa gaúcho de tintas queer "London", escrito e dirigido por Victor Di Marco e Márcio Picoli, escalado na Semana da Crítica, seção paralela à caça aos felinos dourados. Seu CEP também é em Porto Alegre. Foi produzido pelas empresas Proa & Popa Produções e pela Balde de Tinta e tem distribuição da Retrato Filmes. Já foi assegurado pelo Festival do Rio 2026, que vai de 1º a 11 de outubro.

Em seu enredo, London (vivido por Victor Di Marco) é um jovem com deficiência que ganha a vida fazendo performances eróticas em uma casa de fetiche e tem a chance de descobrir a origem e o destino de sua deficiência através de um exame médico. Com os resultados

em mãos, ele terá que decidir se sua vida será guiada por um diagnóstico ou pelos seus sonhos. Ao se deparar com um mundo míope e distorcido à sua presença, o protagonista terá que reinventar forças para se libertar e descobrir quem realmente é, num mundo capacitista.

Nesta sexta, o Brasil dá o ar de sua graça no Lido, por meio da sagacidade do produtor Rodrigo Teixeira, cuja empresa, a RT Features, está no pavimento do longa libanês "Furies", de Rami Kodeih, escalado para a seção Venezia Spotlight. Seu roteiro revive o momento no qual o sistema bancário do Líbano congela todas as contas da noite para o dia. Ali, uma jovem descobre que o dinheiro da cirurgia que poderia salvar a vida da irmã está bloqueado. Sob a ação de um desespero profun-

do, as duas maninhas arquitetam um ousado assalto a banco.

Neste domingo, rola uma investigação documental à moda argentina, de tamanho GG, com foco na prosa do autor de "O Aleph" (1945): "Biografia de Jorge Luis Borges - Parte I", dirigido por Mariano Llinás. Serão 130 minutos de invenção de linguagem para trançar interseções da literatura com o audiovisual, num projeto que terá cinco horas. Llinás se debruça sobre vestígios materiais - como manuscritos originais, primeiras edições, cartas e fotografias - a fim de fazer uma cartografia do espírito borgeano.

Também no dia 6, o galã mexicano Gael García Bernal exhibe em telas venezianas um exercício na praia da realização: "Hombre Al Agua". A brasileira Débora Nas-

cimento integra seu elenco, assim como o cantor Ricky Martin. Gael vive Camilo, um salva-vidas cubano, salva o empresário mexicano Abel (Jorge Salinas) de se afogar. Grato, Abel leva Camilo para o México, onde o rapaz se casa com a filha do rico, Juana (Esmeralda Pimentel), e eles têm um filho. Mas Camilo logo descobre que sua nova vida faz parte de um plano maquiavélico de manipulação e controle.

Neste fim de semana, paralelamente às festas da Pangeia latina, Veneza confere o lirismo do representante oficial da Coreia do Sul na briga por uma vaga na corrida do Oscar: "Possible Love". É o novo trabalho do artesão autoral Lee Chang-dong, diretor premiado na Croisette com "Poesia" (2010) e "Burning" (2018). O enredo de seu novo trabalho trata da história de dois casais: de um lado, está um trabalhador recém-demitido e sua esposa; do outro, há uma documentarista e seu marido. Os caminhos deles se cruzam para a realização de um documentário, enquanto enfrentam suas diferentes realidades e desejos ocultos.

Veneza anuncia sua premiação no dia 12, data em que se saberá a sorte de "Retorno a Buenos Aires" e de Marco Bechis (conhecido por "Terra Vermelha"). Estrelado pelo italiano Adriano Giannini, o filme reúne Paula Cohen e Eduardo Hoy, do Brasil, em papéis de destaque, além das atrizes argentinas Ana Celentano, Vero Gerez e Olivia Nuss. Cineastas de peso de nosso front autoral, como Cibele Amaral ("Momento Trágico") e André Ristum (de "Meu País") estão nos créditos de produção da fita.

Em "Retorno a Buenos Aires", o personagem central, Mariano Guerra (Giannini), é chamado a retornar à Argentina para testemunhar no julgamento dos militares que o sequestraram e torturaram durante a ditadura militar - a mesma que, em 1978, organizou a Copa do Mundo de Futebol enquanto o país vivia sob uma repressão clandestina. A história dialoga diretamente com a trajetória do próprio Bechis, que foi preso político durante a ditadura argentina, vivência que marca sua filmografia e confere ao longa um caráter testemunhal. Resta saber o impacto de seu relato sobre Maggie Gyllenhaal e demais juradas/os.

## CRÍTICA FILME | GONZAGUINHA, DA MAIOR LIBERDADE

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

**E**xplsoivo em sua opção de acender o pavio da luta contra a censura, “Gonzaguinha, Da Maior Liberdade” incendiou o Palácio dos Festivais de Gramado, em sua passagem pela competição de Não Ficções do evento, e desceu a Serra Gaúcha com o Kikito de Melhor Documentário. Sua destreza técnica é notável, tal qual sua manha para tomar plateias de assalto, afinando-se com o investimento afetivo que o Brasil faz no cantor e compositor citado no título.

Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior (1945-1991) se desenha nesse poema cinematográfico de Susanna Lira como um trovador libertário que pensou sua obra para ser uma conjuração poética, pautada pelo verbo “desagarrar”, aplicável tanto aos grilhões do querer tóxico quanto a vis interditos impostos por governos de quepe e farda. Mais prolífica documentarista das Américas na atualidade, La Lira modula os feitos de seu personagem num arranjo narrativo que supera as fórmulas biográficas convencionais, atomizando qualquer resquício de verbete de Wikipedia hoje muito associado ao filão dos “filmes de retrato”.

Faz um tempo que a diretora de “Torre das Donzelas” (2018), conhecida também por séries como “Casão, Num Jogo Sem Regras” (2022), rompeu com as linearidades ortodoxas da geometria da informação para investir nos fractais da poesia. Num exercício de genealogia,

## Tatuagem afetiva da saudade



Luiz Gonzaga Júnior e Gonzagão, numa imagem de arquivo que Susanna usa em sua lira poética

seu novo (e dilacerante) filme evoca o trabalho da americana Shirley Clarke (1919-1997), a cineasta com quem Susanna mais parece dialogar, no Tempo, na História.

Basta uma frase colhida de uma sabatina da realizadora de “In Paris Parks” (1954) para que se entenda sua conexão com Fernanda Young: “Nunca tive certeza sobre o mundo

a que eu pertencço”. Shirley dirigiu 32 filmes entre 1952 (“Jelly Roll Morton”) e 1985 (“Ornette: Made In America”), consagrando-se como um dos pilares do documentário estadunidense. Fez o que se chama de avant-garde, em forma de curtas-metragens, e, como Susanna, galgou a excelência no terreno do .doc biográfico, com “Robert Frost: A

Lover’s Quarrel With The World” (1963) e o magistral “Portrait of Jason” (1967). É o mesmo terreno no qual Susanna, filme a filme, série a série, afirma-se como uma das documentaristas mais indomáveis de nosso país hoje, vide “Nada Sobre Meu Pai” (2023) e “Mussum, Um Filme do Cacildis” (2019).

A máxima de Shirley Clarke

era: “Todo processo que desenvolve vem do fluxo do movimento e do ritmo da montagem, numa dualidade de fantasia e realidade que convivem juntas, em toda imagem filmada”. Essa tensão já estava no dialético “Fernanda Young – Foge-me Ao Controle” (2024), que colocou a dinâmica criativa de Susanna a um lugar de ensaio, a um jorro que, em “Gonzaguinha”, é tão incontinente quanto o da cabeça do bardo sobre o qual se debruça.

Um dos vetores encantatórios de atração nessa produção é o desempenho do ator André Dale encarnando Gonzaguinha numa prática processual de interseção entre documentário e ficção. Dale é a ferramenta que permite uma transcendência aos grilhões da conveniência imposta a um registro cinematográfico que demanda registros de arquivo para existir. O longa de Susanna existe (e resiste) para além deles. A relação de Susanna com Gonzaguinha, aliás, nasceu muito antes de ela imaginar transformar a obra dele em cinema. Ainda criança, a diretora ouviu “Grito de Alerta” no disco “Mel”, de Maria Bethânia, comprado por sua mãe. A canção ficou como uma espécie de tatuagem afetiva pintada a som, estrofes, saliva e suor. Sinestesia pura.

Na presença de Dale, Susanna faz o passado respirar e, sobretudo, embaralha fronteiras de fatos e invenções. O arquivo comprova; a ficção imagina; a montagem põe os dois a pear.

## CRÍTICA FILME | O SORVETEIRO

POR RODRIGO FONSECA - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

## O perigo vem com calda de sangue e casquinha de ossos

Transformado em guloseima, no cardápio político do gênero terror, o filão slasher movie afiou seu corte para a Eternidade no esmeril estético de John Carpenter e seu “Halloween” (1977), abrindo-se sazonalmente para outras grifes. As mais perfurantes são as de Damien Leone (na saga “Terrifier”), de Ti West (em “MaxXxine”) e, num eixo mais farofa, de Eli Roth, ator e diretor que interpretou o Urso Judeu em “Bastardos Inglórios” (2019).

Ele explorou com pujança o estilo “tripas à mostra” desse eixo gramatical da narrativa horrorífica em “O Albergue” (2005) e “Feriado Sangrento” (2023). Arrisca

agora dar seu passo mais largo nessa caminhada com “O Sorveteiro” (“The Ice Cream Man”), que sabe ser eletrizante. Eli almeja ericar o moralismo trabalhando no registro da violência infantojuvenil, assolada por dois diabos, o infanticídio e a pedofilia, que nem o Inferno tolera. Não é nessas nojeiras que ele opera. Sua ideia é retratar como a América fabrica violência já na mais tenra idade, ao fomentar o ódio como um credo que se espalha - em metástase - já em fases mirins da vida. Fabrica, para isso, a metáfora de um doceiro que usa cremes gelados - em casquinha, com calda, mas manipulados - para fazer gurus e gurias virarem



Um Chicabon do capeta é o meio usado por Smiley (Ari Millen) para transformar crianças em parasitas em ‘O Sorveteiro’

máquinas de matar. O tal Freddy Krueger por trás desse anti-Kibon se chama Jonathan Smiley e é encarnado com viço satânico por Ari Millen. Ele vira um ferrabras num mundo de hipocrisia, onde tudo soa falsa. A direção de arte, meticulosamente detalhista, ajuda um bocado a firmar essa percepção, num colorido exagerado, expandido pela fotografia de Simon Shohet, de modo a parecer as pinturas do american way of life do artista plástico Norman Rockwell (1894-1978). Roth só erra em não encontrar um tom preciso em sua montagem, que amplia o senso de perigo naquela sociedade de mentiras aparentes.

# Inferno em festa:

## 40 anos de Dylan Dog



**RODRIGO FONSECA**

Especial para o Correio da Manhã

Embora pertença ao site oficial de uma grife do mercado editorial, a Sergio Bonelli, uma das mais lucrativas usinas de produção de quadrinhos do planeta, a URL [www.sergiobonelli.it/](http://www.sergiobonelli.it/) está abrindo caminhos para a venda de ingressos de teatro, com foco numa peça idealizada para festejar as quatro décadas de seu best-seller mais pop: o espetáculo “Dylan Dog Horror Show”. Sua agenda vai de 22 de outubro a 10 de novembro, no palco da Sala Eliseo, em Roma.

Quem comanda a encenação é o diretor Valter Malosti, que opera a partir da dramaturgia assinada por Tiziano Sclavi (um mito das artes gráficas, aclamado como roteirista e escritor) e Nicola Russo. O foyer do Eliseo será transformado em um percurso imersivo inspirado na casa de seu personagem central: o Investigador do Pesadelo.

No Brasil, quem entrar no <https://www.lojamythos.com.br/> pode encomendar online a edição comemorativa dos 40 anos de criação de Dog, batizada aqui de “Ecos Do Pesadelo”. É uma antologia dos pesadelos curtos do já citado Tiziano Sclavi (criador de Dylan), em 24 histórias. Elas são desenhadas por grandes artistas da esquadra dylandoguiana. As 400 páginas desse almanaque são ilustradas por Giampiero Casertano, Corrado Roi, Angelo Stano, Montanari & Grassani, Bruno Brindisi, Giovanni Fregghieri, Enea Riboldi, Carlo Ambrosini, Franco Saudelli e Claudio Villa.

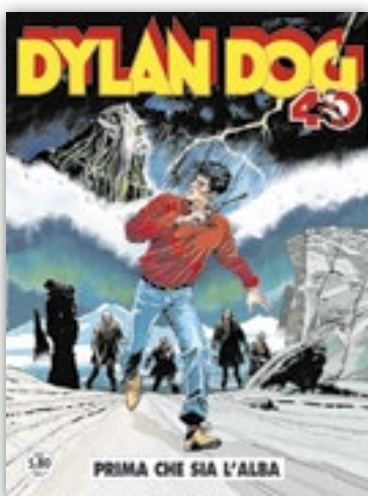
Na Itália, a pedida é a Graphic novel “Angoscia”, com desenhos de Carlo Ambrosini.

A partir de 18 de setembro, “Dylan Dog” ganha na Itália uma coleção especial de 41 volumes semanais, em capa dura e grande formato, lançada por “La Gazzetta dello Sport” e “Corriere della Sera”, em colaboração com a re-



Divulgação

*O detetive especializado em casos sobrenaturais chega aos 40 anos com vários lançamentos saindo do forno na Itália e no Brasil*



vista “Tv Sorrisi e Canzoni” e a Sergio Bonelli Editore. Batizada de “Dylan Dog – 40 anni di paura!” (“Dylan Dog – 40 anos de medo!”, em tradução livre), a série recupera algumas das aventuras mais representativas do chamado Investigador do Pesadelo.

Parido pela pena de Sclavi, Dylan Dog chegou às bancas em 26 de setembro de 1986, pela Sergio Bonelli Editore, embora a data editorial registrada para o primeiro número seja 1º de outubro daquele ano. Sua estreia aconteceu

Vivido no cinema por Ruppert Everett e Brandon Routh, o Investigador do Pesadelo, campeão de vendas de quadrinhos na Europa desde 1986, ganha HQs novas e peça de teatro

em “L'alba dei morti viventi” (“A Aurora dos Mortos-Vivos”, em tradução brasileira), história escrita por Sclavi, desenhada por An-



gelo Stano e com capa de Claudio Villa. Ex-policia da Scotland Yard transformado em investigador particular especializado em casos sobrenaturais, Dylan vive em Londres, toca clarinete, refuta comer carne vermelha, briga contra a dependência ao álcool e enfrenta fantasmas, monstros, assassinos e mortos-vivos, quase sempre sob uma perspectiva em que o horror funciona como porta de entrada para questões existenciais, afetivas e sociais.

A própria aparência do perso-



nagem nasceu de uma referência cinematográfica: Sclavi tomou o ator britânico Rupert Everett como modelo visual para seu herói. A ligação acabaria produzindo uma curiosa viagem de ida e volta entre quadrinhos e cinema. Everett protagonizou, em 1994, “Dellamorte Dellamore” (“Pelo Amor e Pela Morte”, no Brasil), de Michele Soavi, baseado no romance homônimo de Sclavi. O protagonista Francesco Dellamorte não é Dylan Dog, mas funciona como uma espécie de parente literário do investigador: os dois pertencem ao mesmo imaginário macabro e chegaram a se encontrar nos quadrinhos. A escalção de Everett reforçou deliberadamente essa conexão.

Dylan chegaria diretamente ao cinema em “Dylan Dog: Dead of Night” (“Dylan Dog e as Criaturas da Noite”), produção americana de 2010 dirigida por Kevin Munroe, com Brandon Routh no papel principal. Transferida de Londres para Nova Orleans, a aventura acompanha o investigador às voltas com vampiros, lobisomens e zumbis. O longa foi lançado comercialmente nos Estados Unidos em 2011 e chegou aos cinemas brasileiros em 12 de agosto daquele ano.

No próximo dia 26, na Europa, chega às bancas italianas “Prima che sia l'alba” (“Antes que amanheça”, em tradução livre), edição nº 481 de “Dylan Dog”. A capa será, por si só, parte da surpresa preparada pela Bonelli para celebrar o natalício de seu vigilante. A edição será publicada inteiramente em cores e, pela primeira vez na história da série, contará com quatro capas diferentes, além de uma embalagem inédita. O exemplar chegará às bancas dentro de um envelope especial opaco, que impedirá o leitor de saber previamente qual das quatro capas recebeu, transformando a própria abertura da edição comemorativa em parte da celebração.

Pelo tanto que já nos salvou de seres infernais, Dylan Dog merece esse mimo todo e muito mais.

CRÍTICA SÉRIE | CEM ANOS DE SOLIDÃO

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Há quase 70 anos,  
a solidão em Macondo

L eitor é aquele ser que reconhece na vida real momentos literários. Esta semana, por alguns instantes, o Rio virou Macondo, com a revoada dos bichinhos de luz. É fim de inverno, mas nesses trópicos de estações pouco marcadas, tudo se embola devido ao aquecimento global – renegado por uns, preocupante para todos os seres racionais que admiram a cidadezinha criada pelo colombiano Gabriel García Marquez para representar sua terra natal, Aracataca, hoje ponto turístico graças à criação de seu filho mais notável.

Descobri aquele universo quando, madura adolescente, na primeira madrugada de insônia da vida, devorei “Cem anos de solidão” com a voracidade das formigas de Macondo. No dia seguinte, dormi em todas as aulas na faculdade.

Passaram-se uns 45 anos até eu voltar às ruas de terra do lugarejo fundado pelos Buendia. Temia que a série da Netflix apagasse as imagens que eu criara para o romance que me levou à leitura de quase tudo o que Gabo escreveu. Ao contrário, contribuíram para aprimorar o cenário daquela saga familiar e do



A adaptação de ‘Cem Anos de Solidão’ produzida pela Netflix teve o mérito de reforçar as imagens criadas pelo célebre romance de Gabriel Garcia Marquez que conta a saga dos Buendía

povoado praticamente esquecido pelos governantes até a chegada da United Fruit Company, a multinacional norte-americana que explorou plantações de banana na Colômbia e em outras nações latino-americanas, e, paralelamente, à Guerra dos Mil Dias, o embate civil, entre 1899 e 1902, no qual morreram cerca de 100 mil pessoas e o país perdeu a região do Panamá.

Os episódios históricos que compõem o pano de fundo de “Cem anos de solidão” jamais se sobressaem à singularidade dos Buendia e de seus agregados. São personagens multifacetados, cuja bondade se alicerça na crueldade exigida para a sobrevivência em tempos difíceis. O tímido e romântico Aureliano Buendia se torna o temido coronel, que enfrenta um pelotão de fuzila-

mento na abertura do romance. De início, o povoado resiste à opressão da fé católica, embora o misticismo esteja totalmente integrado à realidade dos habitantes de Macondo, que abraçam o sobrenatural com a tranquilidade sincrética dos latino-americanos.

O reencontro com Aurelianos, Arcádios, Remédios, Úrsulas e Amarantas, entre tantos, continua encan-

tador. García Marquez era um mago, alquimista das palavras, de uma sonoridade colorida que lembra os tons de Jorge Amado, aqueles títulos exuberantes, poéticos, chicleados na mente. Tudo pincelado por asombrações, longos períodos de chuva ou de insônia entre os moradores, maldades, canalhices, gente que sobe aos céus em vez de morrer, faz revolução, reclama das condições de trabalho com a United Fruit Company e arruma sempre tempo para se acabar de paixão. A cada revoada de mariposas com o calor ou a temporada de chuva incessante – que, felizmente, não chega a quatro anos quatro anos, onze meses e dois dias –, tão comuns nos trópicos, não há como deixar de pensar em Macondo.

Em maio de 2027, “100 anos de solidão” completa 60 anos de publicação, que devem ser celebrados com novas edições, lembrando que o livro impulsionou, na década de 1960, o boom da literatura latino-americana mundo afora, capitaneada por Gabo, pelo peruano Mario Vargas Llosa, o argentino Julio Cortázar e o mexicano Carlos Fuentes. Hoje, é possível encontrar o texto por preços variados, entre R\$ 50 (em sebos) e até R\$ 180, os volumes fartamente ilustrados, geralmente com desenhos representando a árvore genealógica das sete gerações de Buendia. Assim atendem à maior reclamação de quem não consegue se entender com a repetição dos nomes dos personagens – um hábito arraigado nas famílias latinas – e também à crítica mais rasa que um clássico da literatura pode receber.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

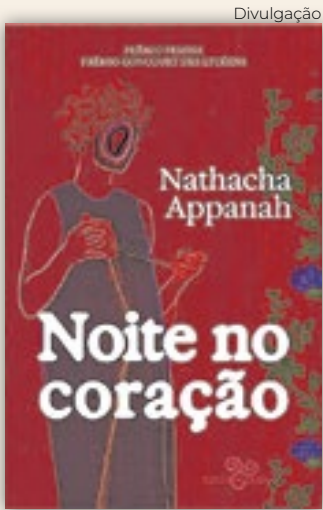
EM MEIO A APAGAMENTOS

A cineasta e artista plástica paraense Jéssica Paola lança este domingo (6), durante a Bienal Internacional do Livro de São Paulo, “Meu Nome é um Lugar Longe” (Hecatombe, R\$ 40). Os contos tratam de mulheres que enfrentam monstruosidades em histórias entrelaçadas de apagamentos e reconstruções do eu, investigando identidade, pertencimento, afeto, deslocamentos e alteridade. Radicada no Rio de Janeiro, a autora fundamenta sua obra na oralidade amazônica e nas vivências da selva urbana carioca, além de sua própria experiência de deslocamento pelo país, entremeadas às narrativas do pai, que vive no Maranhão, e da mãe, cearense.



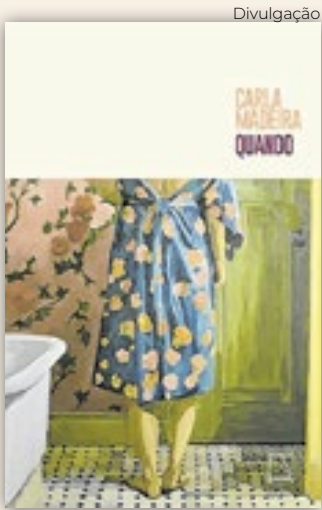
SILENCIADAS PELO MEDO

Traduzido em mais de quinze países, “Noite no coração” (Bazar do Tempo, R\$ 80) recebeu, entre outros, os prêmios Femina e Goncourt des Lycéens, na França. Nascida nas Ilhas Maurício, Nathacha Appanah conta os antecedentes de dois feminicídios e seu próprio histórico de vítima de violência, que conseguiu escapar da morte pedindo a proteção da família. Nos três casos, os agressores eram companheiros das mulheres. Além de relatar os processos judiciais dos dois assassinos, Natacha discute as pressões que levam mulheres a se recolherem em silêncio, mantendo segredo sobre os maus tratos sofridos, tanto por constrangimento quanto por temor de que a violência seja dirigida a outras pessoas próximas a elas.



PRECONCEITO E VIOLÊNCIA

Preconceito e violência caminham lado a lado em “Quando” (Record, R\$ 69,90), da mineira Carla Madeira, a atualmente mais lida escritora brasileira. Ambientado na década de 1980, o romance traz uma família que se mantém próxima apesar do sofrimento pela incompreensão: a mãe, muito doente, aguarda a visita do filho que denunciou à polícia por violência homofóbica. Depois de cumprir pena, o filho jamais retornou ao convívio familiar, e a mãe passa vinte anos esperando revê-lo, cuidada pelas duas filhas, uma delas homossexual. Desde 2023, a escritora se transformou no maior sucesso de ficção em literatura brasileira, tendo vendido mais de 1,4 milhão de cópias de seus três romances anteriores.



# Circuito de delícias encorpado

Segunda edição do Favela Gourmet reúne cerca de 40 bares, restaurantes e lanchonetes, aposta em roteiros guiados e põe o público para votar nas criações gastronômicas da Rocinha e Vidigal

AFFONSO NUNES

Existe um Rio de Janeiro que se conhece pelo prato servido, pela conversa com quem o prepara e pelo caminho até a mesa. É esse percurso que o Favela Gourmet propõe em sua segunda edição, com início oficial nesta sexta-feira (4) em duas emblemáticas comunidades cariocas: Rocinha e Vidigal. O festival chega maior: são 40 bares, restaurantes e lanchonetes no circuito - na edição anterior eram 16.

O circuito gastronômico ocorrerá até o dia 10. Durante esse período, o público poderá conhecer pratos, petiscos e bebidas preparados pelas casas participantes, em uma programação que associa o prazer de comer à descoberta de histórias, negócios e paisagens que não cabem nos roteiros convencionais da cidade.

O crescimento do festival não se mede apenas pelo número de estabelecimentos participantes. Na primeira edição, cerca de 300 profissionais participaram da operação e o público registrou 3,2 mil votos, segundo dados divulgados pela organização. Os negócios envolvidos apontaram aumento estimado de 35% no movimento durante os dias do evento, enquanto o engajamento



Em alguns dos estabelecimentos, a vista privilegiada da Cidade Maravilhosa faz toda a diferença

nas redes sociais dos estabelecimentos cresceu cerca de 70%. A nova edição amplia essa circulação e põe em contato direto quem cozinha, atende, guia, produz e visita.

Na Rocinha, o mapa do festival inclui Amarelinho, Via Carioca, Bar do Luquinhas, Boteco Resenha, Katsumaru, La Roma,

Novo Visual Restaurante, Cheirinho Bom – Bolos da Paula, Bar do Russo, Casa Lisboa Artesanal, Arte do Pão, Vista Shoow, Deck Bella Vista, Cozinha Tial Val, Pensão da Maria, RD Lounge, Bar do Eliseu, Delícias da Gi, The Best, Ki Sabor Pizzaria e Ki Sabor. No Vidigal, entram Padaria e Merceria 2 Irmãos, Flor de

Baunilha, Boteco da Nega, Passa e Fica, Botequim da Praça, Cravo & Canela, Alto Reverse, Quiosque do Arvrão, Restaurante Casa Verde, Restaurante 2 Irmãos (Trilha), Espetinho do Chiquinho, Tô no Vidigal, Restaurante Petisco do Vidigal, Visual dos Crias, Nosso Tempero, Padaria Alto Vidigal, Espaço Brisa e Sabor Carioca.

“A favela não precisa que contem sua história por ela. Ela tem voz, talento, sabor e gente disposta a construir o próprio caminho”

RENAN MONTEIRO

A experiência começa antes mesmo da refeição. Haverá pontos de encontro nas duas comunidades, onde os visitantes serão recebidos pela equipe do festival e por guias, inclusive bilíngues. Dali, grupos seguem até os restaurantes escolhidos. A rota é parte da proposta: o deslocamento deixa de ser apenas uma questão logística e passa a aproximar o visitante das ruas, dos comércios, das pessoas e da dinâmica dos territórios.

A competição, por sua vez, convida o público a participar ativamente. Depois de provar o prato inscrito, o visitante vota por QR Code disponível nos estabelecimentos. Os critérios anunciados pelo festival são sabor, apresentação, criatividade e experiência oferecida. Não se trata, portanto, apenas de eleger um vencedor, mas de criar uma vitrine para cozinhas que têm identidade própria e que encontram na gastronomia uma frente concreta de trabalho, visibilidade e renda.

Criador do Na Favela Turismo, que apoia a iniciativa, Renan Monteiro resume a ideia por trás do circuito: “A favela não precisa que contem sua história por ela. Ela tem voz, talento, sabor e gente disposta a construir o próprio caminho.” Ao reunir visitantes, moradores, guias, empreendedores e restaurantes, o Favela Gourmet dá materialidade a essa afirmação. Cada consumo movimenta uma cadeia local; cada visita pode ressignificar o nosso jeito de olhar essas comunidades.

A segunda edição chega, assim, menos como uma agenda gastronômica e mais como uma afirmação de território. Rocinha e Vidigal não entram no roteiro como cenário: entram como autoras da experiência. O festival cresce porque há quem cozinhe, empreenda, receba e conte, à sua maneira, uma cidade que também se revela pelo sabor.

## SERVIÇO

### II FAVELA GOURMET

De 5 a 10/9

Informações: [www.favelagourmet.com.br](http://www.favelagourmet.com.br)

[www.favelagourmet.com.br](http://www.favelagourmet.com.br)  
[nafavelaturismo.com.br](http://nafavelaturismo.com.br)

GASTRONOMIA | NATASHA SOBRINHO  
(@RESTAURANTS\_TO\_LOVE) | ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



CÔT PARRILLA



MÄSKA



RUDÄ

# Ossos do ofício

Do fogo lento às receitas criativas, a costela mostra toda sua versatilidade à mesa



TRAGGA

**D**esmanchando, suculenta e cheia de sabor, a costela é daqueles pratos que chegam à mesa despertando o apetite antes mesmo da primeira garfada. Preparada lentamente, assada, defumada ou cozida, ela conquista pelo sabor intenso e pela textura macia e vem ganhando novas interpretações nos restaurantes cariocas. No Rio, chefs transformam o corte em diferentes criações: aparece na brasa, acompanhada de molhos e guarnições, na versão de linguiça e até ingrediente para prato asiático. A versatilidade permite combinações que vão do clássico ao contemporâneo. Para quem não resiste a uma carne bem preparada, a costela é um convite para comer sem pressa e, de preferência, até o osso. Confira abaixo as sugestões que o Correio da Manhã preparou para você:



NIMBUS



BBQ LAGOA

**BBQ LAGOA** – No quiosque, especializado em carnes nobres, é possível encontrar a Pork Ribs (R\$ 80), releitura da clássica costelinha de porco, temperada com especiarias, defumada por 6h e servida com molho BBQ da casa, além da Costela de Fogo de Chão (R\$ 140 - foto), disponível aos sábados. Parque dos Patins – Lagoa. Tel: (21) 97190-6923.

**CÔT PARRILLA** – Um dos clássicos pratos asiáticos, ganhou uma versão com costela no restaurante. Trata-se do noodles de costela (R\$ 90) com folhas verdes refogadas, repolho e gema de

ovo ao centro. Avenida General San Martin, 435 – Leblon. Contato: @cotparrilla.

**MÄSKA** – No restaurante, em Ipanema, uma das sugestões do chef é a Costela 12 horas (R\$ 118) com molho roti, purê de banana-da-terra, folha tostada e pickles de beterraba. Rua Joana Angélica, 159 – Ipanema. WhatsApp: (21) 99997-0250.

**NIMBUS** – Um dos pratos do menu degustação (R\$ 600) da casa, na etapa “Da Terra”, é o prato “Das Pastagens e Planícies” que apresenta costela bovina, folha de mostarda e nabo. Rua Dezenove de Fevereiro, 153, Botafogo. WhatsApp: (21)

99765-3465.

**RUDÄ** – No restaurante brasileiro, em Ipanema, um dos pratos principais é o Baião de dois de costela bovina braseada e desfiada com queijo coalho, arroz, feijão, vinagrete de banana e pickles de maxixe (R\$ 105). Rua Garcia d’Ávila, 118 – Ipanema. WhatsApp: (21) 98385-7051.

**TRAGGA** – Na casa de carnes comandada pelo chef Félix Sánchez o comensal pode encontrar no cardápio a Linguiça especial de costela (R\$ 49). Avenida das Américas, 8585 – Barra da Tijuca. WhatsApp: (21) 98355-0386.